

# O LATIM E O ENSINO DE PORTUGUÊS

João Bortolanza (UFMS)

Há evidências que surpreendem ao serem desveladas, já que são verdades latentes que não podem ser desmentidas. É o caso da íntima relação Latim-Português: estudar um sem o outro fere a razão. A relevar-se também o importante papel do Latim como Língua de Civilização da cultura ocidental, como a língua das Universidades e da formação das Línguas e das Ciências modernas.

Duas leituras são recomendáveis, entre muitas outras: *A Aventura das Línguas* de Hans Joachim Störig<sup>1</sup> e *A Aventura das Línguas no Ocidente* de Henriette Walter<sup>2</sup>. Do capítulo V de Störig – Latim, a Língua-Mãe da Europa – colho este excerto que se refere ao “Renascimento carolíngio”:

Esse movimento renovador depurou o latim das influências do latim vulgar. O latim dos autores clássicos romanos foi reintroduzido como modelo. Foram fundadas escolas – sendo o latim língua única de instrução – destinadas a durar mais de um milênio (...)

*Grosso modo* podemos dizer que todas as obras importantes da Filosofia e da Ciência, entre 800 e 1700, em todo o Ocidente, foram escritas em latim. (p. 89).

Outro excerto de interesse retiro-o de Walter:

A fim de adquirir e de manter a estabilidade de suas instituições, um Estado poderoso, mas que agrupava populações muito diversas, precisava de um corpo administrativo sólido, regido por leis precisas, por meio de uma língua sem equívocos, e é significativo que os primeiros textos escritos em latim tenham sido justamente textos jurídicos. De língua de camponeses no início, o latim havia adquirido à época de sua expansão o rigor de uma língua de juristas, que tinha de exprimir sem ambigüidade o direito, a política e a organização da vida pública, em uma forma escrita idêntica para todos. (p. 98)

Língua de civilização, língua universitária e diplomática por excelência, o Latim iria ampliar o vocabulário científico em geral, oferecendo termos para os novos conceitos a serem expressos nas línguas ditas “modernas” que estavam ganhando autonomia e vigor.

No entanto, com a supressão do Latim dos currículos brasileiros, é comum ouvir-se que Latim é uma “Língua Morta”. Com isso, o que morreu

---

<sup>1</sup> Com o subtítulo de “Uma viagem através da História dos Idiomas do mundo”, edição alemã de 1987 e tradução portuguesa de Glória Paschoal de Camargo, 3ª. ed. São Paulo: Melhoramentos, (1994).

<sup>2</sup> Com o subtítulo de “Origem, História e Geografia”, edição francesa de 1994, tradução de Sérgio Cunha dos Santos. São Paulo: Mandarin, 1997.

foi a Diacronia do Português. Estudos sincrônicos são, sem dúvida, de fundamental importância, mas não podem vir sistematicamente desconhecendo que a Língua, como fenômeno social, é histórica, tem história e só se entende a fundo como pertencente a um momento de sua longa história. Essa perda da dimensão histórica é que está na raiz, embora não exclusiva, da crise da disciplina de Língua Portuguesa, sempre a procurar novos métodos, como se métodos resolvessem a falta de conhecimento.

Anedótico é o caso da professora que, interpelada por um aluno sobre o porquê de o feminino de cavalo ser égua, respondeu: “Pergunte pra ela”. E como poderia responder, se não tem a diacronia à mão? E quantas palavras têm raiz latina – do Latim Clássico! – como alomorfe de outra forma vernácula? Algo em torno de 40%, e justamente as mais elaboradas em função dos avanços tecnológicos e científicos. Sem contar as 14% que derivam do Grego, via Latim. As ditas palavras eruditas garantiram às línguas modernas uma ampliação do vocabulário – diria até uma multiplicação – suficiente para equiparar-se à “Língua por Excelência” do Ocidente, das suas Universidades e das Ciências, tirando-as da condição de pobres dialetos de suas 3 a 5000 palavras ou não muito mais. Além disso, os radicais latinos continuam produtivos e sem fronteiras<sup>3</sup>, em sempre novos neologismos e neologismos.

Justifica-se o presente trabalho, não apenas como uma argumentação “didática” sobre a necessidade de um ressurgimento dos estudos clássicos e diacrônicos, mas também por seu intuito de sugerir temas para pesquisa. Afinal, em que “ajudaria tanto o Latim para o entendimento da Língua Portuguesa”, conforme voz quase unânime?

Pretendo, portanto, ainda que brevemente, comprovar, de modo didático, a presença do Latim no Português, enfocando tópicos básicos em seus aspectos lexicais, fonéticos, morfológicos e sintáticos.

## 1. ASPECTOS LEXICAIS

Verifica-se facilmente a presença do Latim em nosso Léxico, constatando os muitos alomorfes concorrentes, eruditos uns, outros vernáculos, como é o caso de EQU-, EGU-. CAVAL-, CAVALH- (sem contar o grego HIPO-), a formarem uma extensa família de palavras: equino, equitação, égua, cavalo, cavalgar, cavalheiro, hípico... Isto poderia mostrar à professora da anedota que, “para qualquer dúvida, é só perguntar

---

<sup>3</sup> Veja-se a respeito COSTA, Sérgio Corrêa da. *Palavras sem Fronteiras*. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2000, 866 pp. Originariamente publicado em francês (1999) sob o título de *Mots sans frontières*.

à professora” – desde que licenciada em Português – Diacrônico e Sincrônico.

Poder-se-ia propor um enigma (decifra-me ou te devoro)

Pai e mãe não têm filhos;  
de padre e madre filhos foram,  
(que, aliás, outros filhos têm).  
Donde o paterno e materno lhes advêm?

A família de palavras de PATER e MATER é extensa, mas os radicais perderam sua produtividade justamente no final de sua evolução, já que PAI e MÃE não têm palavras derivadas. O que, longe de ser exclusividade dessas raízes, é bastante comum – *verbi gratia*, origem, ordem, virgem, irmão, pão. A produtividade das raízes primitivas, no caso as latinas, continua muito significativa. Paterno, paternal, paternidade, paterino<sup>4</sup>, paternalismo, patrono, pátria, patrimônio, patrilinear, patrologia, entre outros, a conservarem o radical latino, por um lado; padre, padrinho, padroado, apadrinhar, padroeiro, padrão, padrofilia, por outro lado, cognatos advindos de radical intermediário na evolução. As listas poderiam ser mais extensas e compreender quicé milhares de palavras.

E que dizer do “fácil de fazer”? Radicais alomorfes de FAZER – fac, faç-, fez-, fiz-, fa-, feit-, feiç-, fic-, fat-, fact-: fazenda, afazer, desfazer, façamos, fizeste, fez, fará, feito, fácil, fato, factível, fator, fatura, afeição, dificuldade, difícil, desfeita, refeição, refeitório, feitor, perfeito, imperfeito. Estes exemplos sirvam para dar a noção da importância de se conhecer a raiz das palavras, a que traz sempre o significado básico. Muitas modificações já se tinham efetuado no Latim Clássico – afinal, uma língua é sempre uma invariante a conviver com muitas variantes – o que faz a família de palavras não menos rica em ancestrais que qualquer família humana, sempre fixando variantes, sempre “procriando”.

Estas variações, resultados de variantes concorrentes, vieram impondo-se na linha do tempo, seguindo determinadas tendências, determinadas “leis fonéticas” – a refletirem a invariante nas variações – o que nos remete aos metaplasmos ou transformações fonéticas.

## 2. ASPECTOS FONÉTICOS

Como se enganam os “gramatiqueros”! A invariante por eles defendida convive com as novas formas a caminho. É que o tempo das

---

<sup>4</sup> “Indivíduo dos paterinos, heréticos que só admitiam uma oração, o padre-nosso” (Dicionário Novo Aurélio).

mudanças se conta por séculos, enquanto os normatizadores têm apenas algumas décadas para seu *Appendix Probi*. Há variações sempre em curso, que não obedecem a nenhuma lógica, antes se fazem por aqueles que menos conhecem as tais normas.

O fenômeno da metátese/hipértese, por exemplo. Vejamos: PIGRITIA > pegriça > preguiça. E ouve-se “priguiça, pegriça”. Assim, percisar, areoportu, cardeneta, largatixa, pergunta, auga, entre muitas outras, são variantes populares a testemunharem que há uma tendência a se fazerem inversões de fonemas, que de variantes passam a formas consagradas ao longo dos séculos.

Os estudos descritivos dos vários níveis de fala, preocupados normalmente em descobrir as variantes sócio-espaciais, do ponto de vista fonético, acabam por apreender os mesmos metaplasmos estudados na Diacronia do Português.

Comparem-se os metaplasmos por aumento diacrônicos e sincrônicos<sup>5</sup>:

- prótese → avoar, arrã, desvaziar e minacia > ameaça, remittere > arremeter
- epêntese → apeiamos, beneficente, adimitir e blatta > barata, cena > cea > ceia

Confrontem-se com os metaplasmos por supressão:

- aférese → inda, marelo, bobrinha e apotheca > bodega, attonitu > tonto, horologiu > relógio
- síncope → chacra, memo, corgo e viride > verde, opera > obra, legenda > lenda

Tanto na diacronia, quanto na sincronia, podemos agrupar os fenômenos, as tendências, denominá-los, traçando sempre paralelos, passeando pelos textos de várias épocas ou transcrevendo entrevistas de níveis de fala. A permuta, por exemplo, oferece campo enorme de pesquisa. Basta levantar casos de monotongação, como troxa, dexa, baxo; de vocalização, como abeia, véia, óia; em seguida, veja-se a evolução de fructu > fruto > fruto, auricula > orelha ou mesmo fasce > faixa, feixe > faxa, fexe (pop.), por um lado, e, por outro, alteru > outro, nocte > noite, conceptu > conceito, pisce > peixe (> pexe!).

Proveitoso será aproveitar estes excursos para referir-se aos radicais alomórficos e sua produtividade. Como exemplo, veja-se que dos três

---

<sup>5</sup> Muitos dos exemplos apresentados aqui foram extraídos de: CARNEVALLI, Leonildo. *Sistema Metodológico e pedagógico para o ensino dos metaplasmos*. Dissertação de Mestrado. UNESP/Assis, 1990 (passim).

radicais, ALTERU > ALTRU > OUTRO, têm-se derivados: alteridade, altruísmo, outrora.

### 3. ASPECTOS MORFOLÓGICOS

São tantos os aspectos morfológicos de interesse para o professor de Português. Relevo apenas alguns expressivos.

Seria mesmo acrescentando -ES que se forma o plural dos nomes terminados em R, Z e S (oxítonas)? Na evolução de *doctorem* e *doctores*, dá-se a apócope primeiro do -M (ainda no Latim Vulgar) e depois do -E, vogal temática dos nomes da terceira declinação, que se mantém antes do morfema -S do plural. *Motu continuo*, podem-se salientar as vogais temáticas dos nomes em Português – A, O, E – em estreita relação com as declinações latinas que restaram e o caso lexicogênico, o Acusativo.

Outro alvo dos porquês são os “complicados” casos de formação do plural dos nomes terminados em -L. ANIMALE(M) passa a animal pelas sucessivas apócopes do M e do E, enquanto o plural ANIMALES, consequência da queda do neutro, sofre primeiro a síncope da sonora -L- (> *animaes*) e em seguida a oclusão/iodização/ditongação (> *animais*). Da mesma forma se explicam os plurais de -EL, -OL, -UL. Já, para os nomes terminados em -IL, o processo dá-se de duas maneiras, diferentes apenas para os plurais -ĪS e -ĒIS : ocorrida a síncope do -L-, OVILES tem uma assimilação e uma crase (*ovies* > *oviis* > *ovis*), enquanto INUTILES tem uma assimilação e em seguida uma oclusão/iodização/ditongação (*inúties* > *inútees*, *inúteis*).

Entre os plurais, vale ainda destacar os nomes em -ÃO, que no singular são formas convergentes, mas no plural mantêm a divergência, com o predomínio do plural em -ÕES, o único produtivo. MULTITUDINE, NATIONE, PANE e CHRISTIANU convergem, pela síncope/nasalação do N, para as formas *multidão*, *nação*, *pão* e *cristão*, enquanto os plurais *multitudines*, *nationes*, *panes* e *christianos*, pelo mesmo fenômeno, mantêm-se muito próximos do latim, com exceção do final -udine: *multidões*, *nações*, *pães* e *cristãos*.

A explicação dos comparativos e superlativos absolutos sintéticos, todos eles eruditos, só pode ser feita com conhecimento da gramática latina. *Inferior*, *menor*, *ulterior*, *posterior* e *exterior* sirvam de exemplos para o comparativo; para os superlativos, valham *máximo*, *ótimo*, *paupérrimo*, *facílimo*, *benevolentíssimo* e *fidelíssimo*. Podem, para tanto, confrontar-se a *Gramática Metódica da Língua Portuguesa* e a *Gramática Latina* de Napoleão Mendes de Almeida, que são do mesmo autor e têm edições

recentes.

Quanto à colocação dos pronomes átonos, a aparente “anomalia” da mesóclise relaciona-se diretamente à formação dos futuros do presente e do pretérito, com a preferência já do latim vulgar pelas formas perifrásticas AMARE HABEO e AMARE HABEBA(M): o verbo auxiliar sofre as normais evoluções, reforçadas pela aglutinação ao verbo principal. Combinando este processo evolutivo com o dos pronomes átonos, inseridos quando ainda havia a consciência da locução, chega-se a respostas convincentes. AMARE ILLU(M) HABETIS: amare > amar; illu > lo (>o); habetis > havedes > havees > haveis (> heis como forma na composição), ao lado da assimilação amarlo > amallo, explicam formas arcaicas, como amallo avedes, e a forma atual amá-lo-eis.

Estranho parece também o morfema número-pessoal -DES , desinência normal junto ao morfema modo-temporal -R (futuro do subjuntivo e infinitivo pessoal) e eventual em radicais verbais monossilábicos e nasais no presente do indicativo: se vós fizerdes, para vós fazerdes; ledes, vedes, vindes, compondes. É que o normal, para o morfema da 2ª. pessoa plural, é a seqüência: sonorização da surda intervocálica (laudatis > louvades; credetis > crededes), síncope da sonora intervocálica (> louvaes, > creedes), oclusão (louvais).

Questão habitual, qual fênix sempre a renascer apesar das extensas explanações do professor, refere-se à tal voz passiva sintética. Isso ocorre porque considerar o pronome -SE menos analítico que o verbo SER, pelo simples fato de o pronome, forma átona, formar uma unidade sonora com o verbo, é uma incongruência óbvia. Única forma analítica remanescente do passivo sintético latino é o particípio passado AMADO < amatus. É nessa forma verbal que ocorre uma flexão formadora da voz passiva, sintética portanto. Comparem-se, nesse processo, formas como livro lido, homem lido, reminiscências da voz passiva e da voz depoente. Por que será que as gramáticas desconhecem a deponência em Português? Homem viajado é um homem que viaja muito (impensável a voz passiva!), enquanto som ouvido é o som que foi ouvido (impensável que o som tenha ouvido!).

Extensas listas podem resultar de uma pesquisa em dicionário sobre o tema “formas nominiais latinas”. O sintetismo latino permitiu este lema em monumento aos heróis de guerra alemães **VICTI NON VICTIS VICTURI** isto é, “os vencidos, que não de vencer, [dedicam] aos não vencidos”. **VICTURUS**, particípio futuro ativo de vinco, significa, além da posterioridade, a iminência. Em Português encontram-se exemplos, embora não tão comuns: futuro, nascituro, venturo. Que mudanças ocorreram, do ponto de vista semântico, em ventura e aventura? As coisas que virão, que não de vir – observe-se o plural neutro a formar nomes singulares

femininos, como em pira> pêra – serão apenas as de sema positivo? A mesma questão pode por-se à aventura, o que há de chegar.

O participio futuro passivo, mais comumente chamado de gerundivo, manteve-se em muitos vocábulos vernáculos: reverendo, colendo, despiciendo, venerando, horrendo, nefando. Encontram-se, pesquisando em nossos escritores, expressões como “a não murchanda flor” – de Machado de Assis. Há conselhos não despiciendos, atos pouco louvandos, crimes execrandos, assim como temos a agenda – nela se anotam as coisas a serem feitas!, do neutro plural latino de agere –, a legenda (outro neutro plural: as coisas que devem ser lidas), a adenda, de addere, (as coisas que devem ser acrescentadas). Ordenando, dividendo, multiplicando, adendo, oferenda, corrigenda (errata), como os exemplos anteriores, normalmente conservam as noções de dever, obrigação, necessidade ou possibilidade, embora às vezes precisem ser recuperadas, como no caso de fazenda < facienda = coisas que devem ser feitas, daí terras que devem ser lavradas ... – agenda, merenda < meridiare = comer ao meio-dia.

Os participios presentes, embora normalmente se tenham transformado de adjetivos em substantivos, são de expressiva frequência em Português: falante, pensante, perseverante, atuante, vivente, amante, dependente, ouvinte, durante, consoante, presente, ausente, constituinte, estatuinte, concernente, referente, tangente, persistente, etc

O neutro existe e é frequente no Português, embora seja destacado em nossas gramáticas apenas em isto, isso, aquilo, o e poucos outros. Do neutro plural latino formaram-se muitos nomes hoje femininos terminados em -A, como lenha, adenda, corrigenda, legenda, amora, vela, folha, adenda, errata, ata, festa, genitália, marginália, maravilha, senha, etc, além de nomes masculinos (por analogia com o gerúndio ativo?), como referendo, memorando, adendo. Qual seria a diferença (e como responder aos porquês curiosos dos alunos) entre barco e barca, lenho e lenha, ramo e rama, cesto e cesta? Observe-se o sema de coletivo nos derivados do neutro plural ferramenta, vestimenta, indumentária. Surpreende pela quantidade a presença do neutro no Português<sup>6</sup>.

#### 4. ASPECTOS SINTÁTICOS

O Latim é a Matemática das línguas, importantíssimo para atingir o nível de abstração necessário face ao fenômeno da linguagem em sua relação com o pensamento. Seu muito racional e abstrato caráter flexivo

---

<sup>6</sup> Cf PARISOTO, Gilson João. *O gênero neutro: do semântico ao formal e do Latim ao Português*. Tese de doutorado, UNESP/Assis, 1994, 573 p.

permite inversões, sejam elas anástrofes, hipérbatos ou sínquises.

Sirva de exemplo para as duas primeiras *figurae elocutionis* este paralelo entre as duas versões do Hino Nacional

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas  
De um povo heróico o brado retumbante

Audierunt Ypirangae ripae placidade  
Heroicae gentis validum clamorem

Para a sínquise, sirvo-me da epígrafe à tese de Medicina do Dr. Antônio de Castro Lopes (Rio de Janeiro, 1827-1901):

Quanta Deus nobis voluit dare bona dolore  
Non nos mortales facile cognoscere quimus!  
Sed molli vitam strato, non gaudia, totam  
Et brevius consumere sat voluisse videtur

Os dois primeiros versos apresentam uma ordem que obedece à *consuetudo* latina. Já os dois últimos hexâmetros oferecem um grau de dificuldade que obriga a longos momentos de reflexão ao mais apto latinista. Trata-se de uma sínquise, figura mais próxima aos vícios de linguagem. Como traduzi-la (decifrá-la?) Passando-a, pelo menos mentalmente para a ordem direta:

Videtur Ipsum voluisse sat non consumere gaudia,  
sed nos consumere vitam totam et brevius molli strato.

Tradução: “Parece que o que Ele queria mesmo não era acabar com a alegria, mas que transcorrêsemos a vida toda um pouco menos sobre fofos colchões”<sup>7</sup>

Apesar de ter enfocado sucintamente alguns dos aspectos, creio ter demonstrado o muito para pesquisar e divulgar sobre o tema proposto “O Latim e o ensino de Português”. Língua latina, apenas deslocada na linha do tempo, o Português só se entende em sua dimensão diacrônica. No dizer de Guimarães Rosa, “toda língua são rastros de velhos mistérios”, sobretudo para os que querem a “morte” do Latim. Cumpre afastar de vez “a pedra no meio do caminho” que torna tão desinteressantes as aulas de Português – a exigirem muito da memória e pouco levando à reflexão sobre a língua.

---

<sup>7</sup> BORTOLANZA, João. *Corpus da Poesia Latina de Antônio de Castro Lopes*. Tese de Doutorado, UNESP/Assis, 1994, 4 vol.